

Reflexões para um mundo em crise: lições para viver melhor

Reflections for a world in crisis: lessons to live better

Izabella Kelly Carneiro Alves
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Natal – Rio Grande do Norte - Brasil

Resumo

Esta resenha tem como objetivo apresentar uma leitura crítica da obra *É hora de mudarmos de via: as lições do coronavírus*, do pensador Edgar Morin. No livro, o autor tece reflexões pertinentes sobre a pandemia e as diversas questões que estão presentes neste momento atual. Tais reflexões são seminais para pensarmos melhor a conjuntura pandêmica, uma vez que o autor as reverbera por um viés complexo, com provocações engendradas no seu pensamento e sob sua ótica, interpelada pela atual crise. Em uma leitura curiosa e provocativa, a obra nos incita a refletir quais lições poderíamos desdobrar em um momento de incertezas e instabilidades, ou seja, o autor destaca as lições da pandemia, os desafios possíveis pós-coronavírus e, por último, a necessidade de mudarmos de Via. Além disso, Edgar Morin, em 100 anos de vida, relembra os acontecimentos que marcaram o seu pensamento e transformaram as suas ideias, logo, o pensador, em uma vasta experiência de vida, aponta-nos, com destreza, ensinamentos profícuos.

Palavras-chave: Mudar de Via; Coronavírus; Crise.

Abstract

This review aims to present a critical reading of the work *Changing Paths: lessons from the coronavirus*, from the thinker Edgar Morin. In the book, the author weaves pertinent reflections on the pandemic and the several issues that are present in this current moment. Such reflections are seminal for us to better think about the pandemic situation, since the author reverberates them through a complex bias, with provocations engendered in his thinking and under his perspective, challenged by the current crisis. In a curious and provocative way, the book urges us to reflect on what lessons we could learn in moments of uncertainty and instability, that is, the author highlights the lessons of the pandemic, the possible post-coronavirus challenges and, finally, the need to change the path. In addition, Edgar Morin, in 100 years of life, remembers the events that marked his thinking and transformed his ideas, then, Morin, in a vast life experience, deftly points out fruitful teachings.

Keywords: Change of path; Coronavirus; Crisis.

Edgar Morin, pensador inclassificável, formado em Direito, História e Geografia, artesão do Pensamento Complexo, explora, mais uma vez, grandes provocações acerca do atual momento que estamos vivendo. Em 100 anos de vida, ele pôde experimentar vários acontecimentos de ordem local e global postos na sociedade. Dessa forma, é, descrevendo algumas experiências históricas, que o pensador inicia o seu livro, cujo título: *É hora de mudarmos de via: lições do coronavírus*. Assim, desdobra, com maestria, as nuances de uma crise sanitária, política, social e econômica ocasionada pela COVID-19.

O preâmbulo descrito pelo autor circunscreve as epidemias, as guerras e crises que ele vivenciou ao longo da sua vida, sendo a última, até então, a pandemia interpelada pelo novo coronavírus. A começar pela gripe espanhola, Morin foi vítima, indiretamente, da crise provocada por esta gripe. Na época, ele estava na barriga da sua mãe Luna. A mesma enfrentou o parto que colocava em risco a sua vida, já que ela não podia ter filhos por conta de uma lesão que tinha no coração, provocada pela gripe espanhola. Em vista disso, o nascimento de Morin, ocorrido na manhã do dia 8 de julho de 1921, foi um parto arriscado tanto para Luna, como para Edgar Morin, que nasceu estrangulado pelo cordão umbilical. Assim, asfixiado e reanimado pelo ginecologista, Morin conseguiu emitir o seu primeiro grito, acontecimento que o acometeu de sentimento de sufocação, marcando e desencadeando a sensação da carência de ar.

Desse modo, o preâmbulo, Cem anos de vicissitudes, traz outros acontecimentos válidos para serem lembrados, como a crise mundial de 1929, que atingiu o comércio do seu pai. Ademais, em 1931 o pensador perdeu a sua mãe, que foi vítima da gripe espanhola. Portanto, nessa época, Morin, com apenas 10 anos, vivenciou a crise e o luto da sua mãe. Seguindo a cronologia, Morin enfrentou como ele mesmo chama *A formação do ciclone*, entre 1930 e 1940, quando Hitler se tornou chanceler da Alemanha. Na época, havia os grandes conflitos entre a esquerda e a direita, acontecimentos que sucederam na Segunda Guerra Mundial. Foi nesse ínterim que a política começou a fazer parte da vida de Morin, conduzindo-o a entrar para o Partido Frontista, que tinha como objetivo a oposição à guerra, lutando contra o stalinismo e o hitlerismo. Assim, como ele bem relata, a democracia, o capitalismo, o fascismo, o antifascismo e o comunismo stalinista eram problemas que assolavam a sociedade. Na Segunda Guerra Mundial, Morin integrou-se para a resistência, fazendo parte do CRN (Conselho Nacional da Resistência), vale ressaltar que a

sua resistência foi antinazista e não antialemã. Desse modo, nesse período de barbárie, Morin fez parte do partido comunista, militou no movimento gaullista de Resistência e teve suas ideias transformadas, aprendendo algumas lições como autocrítica e vigilância, reverberadas no seu livro *Autocritique*.

Outras ocorrências também são revelados por Morin, a saber: a grande crise intelectual dos anos 1956-1959, que foi importante para Morin fundamentar e arquitetar o pensamento complexo; maio de 68, ano interpelado pelas revoltas estudantis; a crise ecológica, com o Relatório Meadows, importante divisor de água que imputou em Morin a política ecológica, tendo em vista, a conservação da natureza e transformação do pensamento e das atitudes, em prol de um bem comum para todos os seres, não dissociando o ser humano da natureza; e a resistência em duas frentes, tal como a resistência intelectual e política. Tais resistências opunham-se à barbárie antiga, desperta na sociedade pela dominação, ódio, desprezo, xenofobias; e a barbárie do lucro, que predomina no mundo, ocasionando as cegueiras e o mal pensar. Assim, são essas resistências que operam o pensamento de Edgar Morin e que estão dispostas desde o início do seu livro.

Nesse sentido, o autor introduz o seu livro com reflexões pertinentes acerca do contexto pandêmico, refletindo sobre essa catástrofe sanitária que se reverberou em uma crise profunda oriunda do paradigma do ocidente. Assim, a Covid-19 revelou os arranjos de crises despertadas na sociedade, como as crises políticas, ecológicas, econômicas, sociais, que desencadearam em uma verdadeira crise de ordem planetária. Por conseguinte, como bem discute Edgar Morin, estamos sendo obrigados a refletir sobre nossa condição, nossos percursos, destinos e nossa relação com o mundo e o próprio mundo. Dessa forma, apesar de estarmos isolados, somos submetidos a buscar no meio do caos as lições desta grande crise. Portanto, faz-se necessário um questionamento: será que saberemos colher algo propício no âmago da dor? Em vista disso, Morin descreve: “O futuro imprevisível está em gestação hoje. Tomara que seja para a regeneração da política, para a proteção do planeta e para a humanização da sociedade: está na hora de mudar de Via” (MORIN, 2020, p. 22).

Nesse cenário alarmante, Edgar Morin divide o capítulo I em 15 lições do coronavírus: em lição sobre a nossa existência, ele inicia o seu escrito com a questão “Como você vive?” Tal provocação, presente no seu filme *Crônica de um verão de 1960*, engendra proposições

Resenha

atuais inerentes ao isolamento social, como os ecos da nossa existência que se ancoram na forma como estamos lidando com a rotina em nossas casas. Logo, o isolamento deve nos trazer a lição do essencial da vida, como amor, amizade, solidariedade e comunhão.

A lição sobre a condição humana é seminal no que diz respeito à nossa conjuntura atual. De fato, não é comum pensarmos sobre a nossa condição humana, a pergunta “O que é o humano?” é pouco discutida em nosso meio, esta lição nos sujeita a desmitificar o mito do ocidente que coloca o ser humano no domínio da natureza, sendo assim, inevitáveis as contradições. Dessa maneira, à medida que degradamos a natureza, mais destruimos nossa vida. Embora tenhamos a técnica e a ciência ao nosso dispor, ela não é solução para todos os problemas profundos que aniquila a sociedade; a lição sobre a incerteza de nossa vida, circunda as incertezas das informações elucidadas sobre a biologia do vírus. Isso trouxe uma série de problematizações e discussões sobre o tratamento da doença, a prevenção, a origem do vírus e etc. Tais questões permitem tecer a nossa aventura na Terra, sabendo que a mesma sempre será guiada pelas incertezas e cabe-nos saber lidar com isso; a lição sobre nossa relação com a morte entoa a condição severa que o luto ocasionado pela Covid-19 causa, como a dor em perder as pessoas por uma invasão súbita da morte. Em adição, a despedida cessada e os rituais ausentes tornam o momento mais duro, desencadeando a tensão e o medo de perder a vida ou uma pessoa querida.

Na lição sobre nossa civilização, Morin aborda a questão do consumo, trazendo a reflexão sobre um antes e um depois da instauração da pandemia. Antes da pandemia, o consumo discriminado imperava no poder de compras de uma parte das pessoas, na qual não distinguiam entre o útil e o supérfluo, entretanto, com a pandemia, fomos convocados a percepção da contaminação consumista que a civilização nos concedeu. A lição sobre o despertar da solidariedade é uma das lições que mais se suscita no atual contexto. Morin descreve os cenários em que a solidariedade das pessoas foi crucial para salvar vidas.

Destarte, Morin enfatiza que a insuficiência dos poderes públicos com a intensificação da crise ocasionou uma ajuda múltipla das pessoas, despertando em nós, a fundamental necessidade da ação de solidarizar-nos. A sétima lição sobre a desigualdade social no isolamento expõe, de forma mais cruel, as feridas necrosadas de uma humanidade desigual, de fato, a crise, manifestou as maiores vítimas desse contexto, distinguindo aqueles com alto poder aquisitivo e condições de isolamento daqueles que não tinham possibilidades de isolar-se, ademais, a crise também expôs a importância de profissões que

até então são desvalorizadas, como dos educadores, enfermeiros, coletores de lixo, pequenos agricultores, agentes de segurança, guardas-civis.

Na lição sobre a diversidade das situações e da gestão da epidemia no mundo, Morin explicita inúmeras situações vivenciadas pelos países. Como exemplo disso, temos a comparação entre os países que com uma má gestão tiveram números de mortes alarmantes, como o Brasil, os Estados Unidos, o Peru e o México.

Na nona lição sobre a natureza de uma crise, Morin remete a um importante achado sobre a vivência de uma crise, na qual a mesma fomenta dois processos contraditórios, a imaginação e a criatividade que se desdobra na intensa busca de soluções para a crise; e a procura veemente do retorno a uma estabilidade perdida. Nas últimas cinco lições, Morin descreve a lição sobre a ciência e medicina com reflexões acerca da produção de vacina, da política e da hiperespecialização dos saberes; na décima primeira lição, o autor reflete uma crise da inteligência. Ademais, Morin tece a lição sobre as insuficiências de reflexão e ação política, a lição sobre deslocalizações e dependência nacional, a lição sobre a crise da Europa e por último a lição sobre o planeta em crise.

No capítulo II, o autor problematiza várias questões que são postas em desafios, como a permanência da solidariedade e ajuda mútua pós-coronavírus, os emblemas do neoliberalismo com a privatização dos serviços públicos, que devido a pandemia, foi necessário o fortalecimento dos mesmos. Outrossim, os desafios apontados pelo autor põem em xeque as nuances da globalização, na qual é fundante pensar e humanizar uma outra ideia de desenvolvimento, tendo em vista as consequências provocadas por uma globalização atroz e sem solidariedade. Ademais, para Morin, não sabemos até quando a conjura atual durará, o ambiente social e político está deteriorado, portanto, não podemos negar a profundidade que a crise nos interpela.

Por fim, o autor engendra e releva uma democracia que estava em crise antes de emergir a pandemia, contextualiza a provocação da era digital que aguçou com o isolamento social, sendo, portanto, essencial discutir questões éticas, sociais e políticas. Além disso, vale ressaltar o desafio da proteção ecológica, da crise econômica, das incertezas e do retrocesso. Tais desafios estão interligados, pois sabemos que nossa relação tóxica com a natureza provocou um intenso desequilíbrio seminal e consequentemente sua degradação, que se afligiu com o desdobramento da crise pelo novo vírus. Dessa forma, as

incertezas estão cada vez mais presentes e ainda temos a chance de retroceder, tornando-se, vital mudar de Via.

Por conseguinte, no capítulo III, o autor aponta possibilidades para uma nova Via, Assim, a nova Via, deve comportar: uma política nacional; uma política civilizacional; uma política da humanidade; uma política da Terra e um humanismo regenerado. Estas proposições tecem uma aposta ousada para sustentar um planeta que seja melhor para viver. Por isso, é necessária uma reforma de vida, uma nova política, o despertar das consciências, uma democracia mais participativa, uma reeducação da educação. Ademais, o autor conclui tecendo uma consideração a respeito do humanismo. Para o autor, não basta a comunhão humana, mas sentir-se parte da aventura desconhecida emergente do universo e dos seus mistérios.

Em suma, a leitura do livro de Edgar Morin, problematiza diversas questões complexas que se circunscrevem no momento histórico no qual estamos vivendo. Dessa forma, é fundamental situarmo-nos nesse contexto e tecer leituras mais críticas sobre a diversidade de acontecimentos que se interpelam com a crise pandêmica. Portanto, como bem sugere o autor, é hora de mudarmos de Via, porque é necessário e urgente que as desigualdades sociais sejam reduzidas; que a sociedade seja mais solidária e responsável; que pensemos em uma qualidade de vida não apenas material, mas sobretudo, existencial; que nos tornemos solidários com o planeta e não dominadores da natureza. É, portanto, essencial mudarmos de Via.

Referência

MORIN, Edgar. **É hora de mudarmos de via: as lições do coronavírus**. Tradução Ivone C. Benedetti. Colaboração Sabah Abouessalam. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

Sobre a autora

Izabella Kelly Carneiro Alves

Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Integrante do Grupo de Estudos da Complexidade (GRECOM)

E-mail: izabellakellyc@gmail.com ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-1265-9975>

Recebido em: 07/05/2021

Aceito para publicação: 29/05/2021